

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

**Ingrid de Miranda Cáceres**

**Tênis nas escolas, uma realidade possível.**

Porto Alegre

2024

**Ingrid de Miranda Cáceres**

**Tênis nas escolas, uma realidade possível**

Trabalho de conclusão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Educação Física.

Orientador: Guy Ginciene

Porto Alegre

2024

## **RESUMO:**

The objective of this research work was to verify and understand the possibilities of teaching Tennis in schools. To this end, articles were read regarding the teaching methodologies of the sport, systematic observations of the classes of the "Sports School Project: initiation to Tennis" and semi-structured interviews with the participation of teachers graduated in Physical Education at the Elementary level. I, II and Medium. At the end of the study, it was concluded that obstacles such as the lack of materials and infrastructure hinder the implementation of tennis classes in schools, but that, within their possibilities, teachers can seek alternatives. However, responsibility cannot be directed solely at the teacher, but in parallel with the school providing quality materials to its professionals, bringing an assertive investment in school physical education.

**Palavras-chave:** teaching tennis, Physical Education at school.

## **ABSTRACT:**

The objective of this research work was to verify and understand the possibilities of teaching Tennis in schools. To this end, articles were read relating to the teaching methodologies of the sport, (also) unsystematic observations of the classes of the “Sports School Project: initiation to Tennis” were carried out, in addition to semi-structured interviews with the participation of teachers graduated in Physical Education at Elementary I, II and Secondary level. At the end of the study, it was concluded that obstacles such as the lack of materials and infrastructure hinder the implementation of tennis classes in schools, but that within their possibilities, teachers can seek alternatives. However, responsibility cannot be directed solely at the teacher, but in parallel with the school providing quality materials to its professionals, bringing an assertive investment in School Physical Education.

**Keywords:** tennis, Brazilian schools, Physical Education, teaching.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
2.	<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	9
	2.1. Objetivo Geral:.....	9
	2.2. Objetivos específicos:.....	9
3.	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	10
4.	<b>RESULTADOS:</b> .....	11
	4.1. Literatura: .....	12
	4.2. Observações sistemáticas das aulas: .....	14
	4.3. Entrevista semiestruturada: .....	16
5.	<b>DISCUSSÃO</b> .....	19
6.	<b>CONCLUSÃO:</b> .....	21
7.	<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	23
	<b>APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS</b> .....	25
	<b>ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	34

## APRESENTAÇÃO

Me chamo Ingrid de Miranda Cáceres, escolhi realizar a pesquisa do meu TCC buscando correlacionar com o Tênis. Desde o início eu já sabia que queria trabalhar nesta temática em função de simpatizar com o esporte, buscando assim trazer esse esporte dentro de uma pesquisa voltada para a Educação Física na escola.

Com o objetivo traçado, realizei a busca pelo meu orientador, inicialmente entrei em contato com o Prof. Balbinotti, no qual mencionou o projeto “Escola de esportes: Iniciação ao tênis”. As aulas ocorrem dentro do campus da nossa própria universidade, ele me orientou a procurar o Prof. Guy Ginciene, coordenador do projeto. Logo já busquei realizar o primeiro contato, onde conversamos bastante sobre a possibilidade da pesquisa ocorrer e de que maneira poderia ser.

Tudo ocorreu muito bem, delimitamos os instrumentos de pesquisa e iniciei os trabalhos. Foram momentos de muitas aprendizagens, gostaria de ter me envolvido mais com o projeto, mas infelizmente devido ao estágio, ficou complicado. No entanto, gostaria de enaltecer o projeto, os/as professores e os/as bolsistas envolvidos, é algo que com certeza faz a diferença na vida dos jovens. Neste tempo no qual me envolvi com o projeto, pude perceber o empenho e carinho com os alunos, algo que no ensino-aprendizagem pode mudar tudo.

Inicialmente estava prevista a realização de uma aula do projeto “Escola de esportes: Iniciação ao tênis” em uma escola do município de Viamão, onde eu conseguiria observar na prática a aula de tênis dentro de uma escola, porém em decorrência da incompatibilidade de horários entre todas as agendas, não foi possível realizar naquele momento, mas fico na torcida para que seja realizado.

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo o site da Confederação Brasileira de Tênis (CBT), dentro da história acredita-se que o Tênis tenha tido origem na França, no século XII e XIV. Também chamado de “*Le Jeu de Paume*”, o tênis inicialmente era jogado somente com as palmas das mãos, por isso o nome “*Le Jeu de Paume*” que significa “jogo com a palma da mão”.

Com o passar do tempo o jogo foi evoluindo, antigamente era jogado em quadras dentro de mosteiros, igrejas entre outros lugares. Com a popularidade crescente do jogo, modificações foram ocorrendo, por exemplo, ao invés de praticar somente em quadras abertas, criou-se as quadras fechadas. Aos poucos pôde-se perceber a raquete ganhando forma, saindo então do jogo das palmas para o que conhecemos hoje como tênis.

Este esporte pode ser jogado entre duas duplas ou dois adversários, a quadra possui uma rede onde separa os dois lados. O objetivo do jogo é bater na bola utilizando a raquete, de forma com que ela chegue até o outro lado da quadra, passando sempre por cima da rede, caso o adversário não consiga rebater, marca-se um ponto (um set). No tênis 1 ponto equivale ao número 15, já se o jogador conseguir mais um ponto, vai a 30, depois 40 e acertando mais uma vez ganha-se o “*game*”, somatório dos 4 pontos disputados. O conjunto de *games* chama-se *set*. Para conquistar um *set* é necessário conquistar 6 *games*. No entanto, é necessário ter vantagem de 2 *games*. Assim, caso o jogo fique 5 a 5, ganha o *set* quem fizer 7 primeiro. Caso empate em 6 a 6, joga-se um *tie-brack* (disputa de pontos direto até 7). Uma partida de tênis é disputada em uma melhor de 3 ou 5 *sets*, dependendo do torneio.

Sobre o ensino do tênis dentro das escolas, Ginciene, Impolcetto e Darido (2018), relatam que o problema não está necessariamente na forma como se ensina o tênis, já que sua presença nas aulas de Educação Física é quase inexistente. No entanto, a falta de materiais e a pouca vivência de grande parte dos professores com a modalidade pode dificultar esse processo.

O mini tênis chega ao Brasil como uma forma adaptada do jogo de tênis formal, podendo ser utilizado como um método de ensino a ser aplicado nas escolas.

Este, está embasado no programa "*Play and Stay*", com significado de "jogue e fique", da ITF (Federação internacional de tênis). Esta forma adaptada de ensinar o tênis, torna-se uma opção para implementar este esporte nas escolas. O programa foi pensado justamente para ser utilizado como uma estratégia na qual o índice de desmotivação e abandono do esporte pode ser menor, uma vez que o método de ensino tradicional, tornava o aprendizado difícil, gerando muitas desistências precoces.

Seguindo esta linha de pensamento, Fontoura (2003) comenta em sua pesquisa que o mini tênis é o jardim de infância do tênis, onde as crianças antes de entrarem para a primeira série, passam pelo jardim para aprender a cortar, desenhar, contornar e pintar. No tênis não pode ser diferente, os alunos devem ser ensinados desde o seu primeiro contato com o esporte.

Silva *et al.* (2017) afirma que a ideia de incorporar o mini tênis pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades básicas de forma prazerosa, pois as ações motoras diversificadas presentes no desenvolvimento do jogo ajudam na elaboração de um amplo repertório motor para que futuramente as crianças tenham um bom desempenho no aprendizado e desenvolvimento das habilidades especializadas.

No entanto, quando falamos sobre metodologias para se ensinar o tênis, é importante mencionar a leitura que realizei do artigo "O ensino do tênis e a prática pedagógica dos professores" Ginciene *et al.* (2019). Neste estudo foram observadas as aulas de três professores e posteriormente estes foram entrevistados. Todos eles seguiam um padrão de metodologia tradicional, focada na repetição de movimentos, buscando aprimorar a técnica, sem trabalhar elementos de situações de jogo. Os autores também observaram pouca variedade de conteúdos nas aulas, o que, de certa forma, pode vir a fazer o aluno abandonar o esporte, não sendo esse o objetivo de nós professores. Desta forma é preciso cuidado ao somente focar no ensino da técnica.

Outrossim, o artigo "Publicações nacionais sobre o tênis nas aulas de educação física" de Moreira *et. al* (2020), traz uma busca acerca de artigos que foram produzidos sobre o ensino do tênis nas escolas brasileiras, que vai muito ao encontro do meu objetivo de pesquisa.



Silva et al. (2017) afirmam que o professor de Educação Física deve buscar metodologias que permitam aumentar a cultura esportiva dos seus alunos, para que possam vivenciar outras modalidades esportivas, ampliando as possibilidades pedagógicas e educacionais da área na escola.

## **2. PROBLEMA DE PESQUISA**

Como se dá o ensino do tênis e quais as possibilidades para ele ser aplicado nas aulas de Educação Física das escolas?

### **2.1. Objetivo Geral:**

Compreender as possibilidades para o ensino do tênis nas escolas.

### **2.2. Objetivos específicos:**

- Compreender os desafios pelo qual o tênis, ou até mesmo uma versão adaptada deste esporte, não é aplicado nas aulas de educação física das escolas;
- Verificar as dificuldades para aplicação da modalidade, através de uma entrevista com três professoras de Educação Física, sendo elas de nível fundamental (anos iniciais e anos finais) e do Ensino Médio.
- Observar as aulas do Projeto Escola de Esportes: Iniciação ao Tênis, que ocorrem na ESEFID, para analisar como o tênis é difundido nas aulas deste projeto, a fim verificar a possibilidade de aplicá-lo também nas escolas;

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, que segundo Soares (2020), se caracteriza pelo desenvolvimento conceitual, de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo ou interpretativo a partir dos dados encontrados. Para tentar compreender como se dá o ensino do tênis e as possibilidades para ele ser aplicado nas aulas de Educação Física das escolas públicas, foi realizada uma pesquisa que envolveu três momentos: (a) leitura de artigos; (b) observação das aulas do “Projeto Escola de Esportes: Iniciação ao tênis para crianças e jovens”, que ocorrem nas segundas e quartas-feiras, das 15h30min às 16h30min, na ESEFID; (c) entrevistas com três professoras formadas em Educação Física que atuavam nos níveis do fundamental (anos iniciais e finais) e do ensino médio.

#### (a) **Leitura de artigos:**

Foi realizada a leitura de artigos referente ao ensino do tênis dentro de clubes e escolas, porém sempre dando prioridade para os artigos que tratavam do ensino dentro das escolas, a fim sempre de aproximar-se cada vez mais do objetivo geral da pesquisa.

#### (b) **Observações:**

As aulas do “Projeto Escola de Esportes: iniciação ao Tênis”, foram observadas de forma sistemática, dentro do período de Junho/2023 até dezembro/2023. A observação ocorreu de forma intercalada entre segundas-feiras e quartas-feiras. Quando chovia a aula era cancelada, pela indisponibilidade de quadras fechadas para a prática do tênis.

Todas as observações foram registradas dentro de um diário de campo, para que ao final pudessem ser utilizados os relatos das observações com o intuito de atingir o objetivo de pesquisa, que visa compreender as possibilidades do ensino do Tênis para então ser aplicado nas aulas de Educação Física dentro das escolas, propondo também estratégias a fim de solucionar as dificuldades observadas e citadas em entrevista com os professores.

(c) **Entrevistas:**

Para realizar as entrevistas semiestruturadas procuramos selecionar professoras/es que estivessem atuando em escolas públicas, nos níveis Fundamental I, II e/ou Ensino Médio. Fizemos essa escolha, pois o conteúdo tênis pode aparecer, segundo a BNCC, a partir do 3º ano do Ensino Fundamental.

Dessa forma, buscamos professoras que atendessem a esse critério inicial e que tivessem disponibilidade para participar da pesquisa. Por esse motivo, iniciamos os contatos por meio de professoras conhecidas. As duas primeiras eram conhecidas da pesquisadora e a terceira foi indicada pelo orientador.

Cada uma das professoras será mencionada nesta pesquisa através do nome fictício em menção a grandes jogadoras do Tênis mundial. A seguir, um breve perfil de cada uma das professoras:

- Professora 1 (Iga Swiatek): Licenciada em Educação Física, cursando Bacharelado em Educação Física e Mestra em Ciências do Movimento Humano. Professora da rede municipal de uma cidade do Rio Grande do Sul no Ensino Fundamental (ano de 2024).
- Professora 2 (Aryna Sabalenka): Licenciatura plena em Educação Física, Professora na rede estadual do Rio Grande do Sul, Ensino Fundamental e Médio (ano de 2024).
- Professora 3 (Coco Gauff): Graduada em Licenciatura, Mestra em Ciências do Movimento Humano e Doutora em Ciências do Movimento Humano. Professora na rede municipal de uma cidade do Rio Grande do Sul (ano de 2024).

Para realizar as entrevistas, realizamos um breve roteiro, disponível no anexo I.

#### **4. RESULTADOS:**

A presente pesquisa teve como instrumento de investigação a leitura de artigos, a observação das aulas do Projeto “Escola de Esportes: Iniciação ao tênis”

para crianças e jovens e a realização de entrevista com três professoras de Educação Física atuantes em escolas públicas de nível fundamental e médio.

Desta forma, os instrumentos serão divididos em tópicos para melhor demonstração dos resultados encontrados e posterior discussão.

#### **4.1. Literatura:**

Dentro da literatura foi observado que sobre o tênis fora da escola há um vasto material, porém dentro da escola, não. Isso ocorre pois esta é uma área de pesquisa que ainda está em crescimento dentro da literatura. No entanto, o artigo dos autores Ginciene, Impolcetto e Darido (2018) nos afirma que o tênis pode ser aplicado nas escolas brasileiras, utilizando a abordagem baseada nos jogos. Importante salientar, que essa abordagem foi pensada para ser utilizada na iniciação ao tênis fora das escolas, mas tornou-se uma estratégia possível para os professores utilizarem dentro das escolas. A abordagem parte do princípio de que para se ensinar o tênis, pode-se utilizar do jogo, adaptando seu espaço, materiais e regras para torná-lo possível.

A abordagem baseada no jogo visa romper com algumas questões do ensino tradicional. Crespo et al. (2005) apud Ginciene et al. (2019) apresentam críticas a este modelo. Na perspectiva dos autores, as metodologias centradas exclusivamente na aprendizagem técnica fazem com que os alunos dominem os golpes durante as situações de exercícios e treinos caracterizados pela pouca variabilidade nas decisões que devem ser tomadas (chamadas de situações fechadas), porém, nas situações de jogo (abertas), cuja variabilidade é maior, eles não compreendem ou não sabem qual decisão tomar em cada momento.

Outrossim, para Willians et al. (2005) apud Ginciene et al. (2018), este modelo possui práticas constantes (sem variações) e estáveis (sem imprevisibilidade para estimular a tomada de decisão) por muito tempo, progredindo de forma muito lenta para práticas mais variadas e imprevisíveis, como os jogos.

Através da análise dos artigos, verifica-se que a utilização da metodologia do mini tênis (uma adaptação ao esporte convencional) pode ser uma alternativa para superar os problemas do ensino tradicional.

De acordo com Silva et al. (2017), há um grande potencial pedagógico no jogo reduzido, propiciando aos escolares uma forma atraente e desafiadora de jogar. Entre as inúmeras ações pedagógicas, podemos propor a montagem de várias quadras, ou seja, espaços de jogos, sendo possível colocar uma gama maior de alunos praticando, algo difícil de realizar no tênis convencional. Por isso, o mini tênis através das suas adaptações pode ser um fator bastante positivo no ensino-aprendizagem, tanto dentro das escolas quanto fora.

O mini tênis é baseado na metodologia do programa *Play and Stay* (PAS) desenvolvido pela *International Tennis Federation* (ITF). Segundo Cortela (2012), o programa “*Play and Stay*” tem como objetivo primordial fazer com que desde a primeira aula os alunos sejam capazes de jogar: sacando, trocando bolas e pontuando, e implícita e indiretamente, experimentando novos gestos motores. O que facilita muito esse método são os materiais: mini redes, quadras reduzidas, bolas com baixa pressão (bolas soft) e raquetes menores. As bolas soft são consideradas elemento essencial no desenvolvimento do método. As bolas mais lentas proporcionam mais tempo para resposta, facilitando as trocas de bolas e auxiliando no desenvolvimento avançado da tática e da técnica.

De acordo com Gonçalves et al (2018), a proposta de ensino do mini tênis, propiciam que qualquer profissional de educação física, com o mínimo conhecimento de tênis, ministre uma aula de tênis para iniciantes

Já em relação ao tênis estar pouco presente das escolas brasileiras, Souza e Martins Junior (2009) realizaram um diagnóstico acerca da necessidade e perspectivas para implementação do tênis, onde concluíram que o tênis nas escolas pode ser incluído enquanto conteúdo curricular e extracurricular, dependendo exclusivamente dos professores de educação física e diretores das escolas municipais, a partir de uma capacitação inicial mínima de conhecimentos do esporte.

Dentro da BNCC, os esportes estão divididos em categorias, o tênis fica localizado dentro dos esportes de rede e parede, junto com o vôlei, badminton, squash, tênis de mesa entre outros. Este conteúdo, o tênis, pode vir a aparecer nas escolas de acordo com a BNCC, a partir do 3<sup>a</sup> ano do ensino fundamental.

Ainda segundo a BNCC (Brasil), dentro da categoria dos esportes de rede e parede busca-se desenvolver as seguintes habilidades nos alunos:

- EF35EF05: Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
- EF35EF06: Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer). (BRASIL, 2018, p. 229)

#### **4.2. Observações sistemáticas das aulas:**

O projeto abrange no máximo 10 alunos matriculados para a melhor aprendizagem e desenvolvimento deles. Na maioria das aulas tem-se entre 1 e 2 professores, acompanhado dos bolsistas, que no decorrer do tempo assumem o protagonismo na turma, ministrando as aulas. O projeto conta com a infraestrutura disponibilizada pela UFRGS: duas quadras, uma recentemente reformada, inúmeras bolinhas de tênis, sendo elas de diferente pressão e tamanho, sinalizada por cores diferentes, para cada nível de dificuldade; e com um bom número de raquetes, sendo uma para cada aluno.

Antes da aula iniciar, os professores e bolsistas do projeto realizavam reuniões semanais, nas segundas-feiras, para discutir as duas aulas da semana que passou e já debater o planejamento das duas próximas aulas, de segunda-feira e quarta-feira. Essas reuniões pré-aula buscavam entender como se deu o aproveitamento e evolução dos alunos.

Após a reunião, os professores e bolsistas buscam os materiais já se direcionando para a quadra. Eles possuem uma estratégia de jogarem uns com os outros para que o aluno chegue e já se motive a jogar com os professores, o que também pode servir como um aquecimento.

Normalmente os alunos já chegam pegando a sua raquete e bolinhas, jogando entre si ou com os professores enquanto não inicia a aula. Ao iniciar a aula, os alunos são chamados para uma conversa inicial, onde o professor ou o bolsista, retomam a aula anterior, a fim de relembrar o conteúdo trabalhado. Em alguns momentos os alunos levam “o tema de casa”, o qual, na maioria das vezes, devem realizar uma

pesquisa sobre algo do tênis (definido pelos professores e bolsistas, previamente ao final da aula anterior) e apresentar no início da aula.

Após essa conversa, a aula inicia de acordo com a proposta já planejada antecipadamente e discutida na reunião. A estrutura das aulas visa trazer um ambiente de aprendizagem tranquilo, onde o aluno sintá-se à vontade e sem medo de arriscar e errar. Para isso, foi muito utilizado nas aulas as seguintes atividades:

(a) **“Jogo do amiguinho”**: realizado na quadra  $\frac{3}{4}$ , cada jogador com sua raquete em um lado da quadra.

**Objetivo do jogo**: manter a bola em jogo, trocando passes sem errar (1x1).

(b) **“Volta ao mundo”**: realizado na quadra  $\frac{3}{4}$ , cada aluno possui três vidas, cada erro que realizar desconta-se uma vida, caso perca todas as vidas é eliminado. O aluno eliminado auxilia recolhendo as bolas.

**Objetivo do jogo**: manter a bola quicando ao fundo, realizando o jogo de fundo.

(c) **“Jogo do quadradinho”**: cada aluno inicia com três vida, caso cometa um erro perde uma vida. Ao perder as três vidas, o aluno estará eliminado e será substituído por outro colega. Os alunos que estiverem aguardando sua vez ou forem eliminados realizam uma troca de bolas.

**O jogo**: Cada aluno fica em um quadrado da quadra e precisa defender este espaço. Pode atacar os dois quadrados ao lado contrário da rede e precisa se defender dos mesmos dois oponentes.

As três atividades podem ter seus objetivos de jogo alterados, de acordo com o objetivo da aula de cada professor, por exemplo, pode trabalhar o saque, *forehand*, *backhand* entre outros gestos técnicos.

Os alunos tinham bastante aderência aos três jogos citados anteriormente, divertiram-se bastante, mas estavam sempre atentos às orientações dos professores. Pude perceber que a afinidade deles com os professores e bolsistas, somando-se a estes jogos educacionais e ao mesmo tempo leves, livre de pressões, deixavam os

alunos confortáveis para a prática, resultando em aulas bastante produtivas, principalmente para os alunos.

Essa proximidade dos alunos com professores e bolsistas dá-se muito também da estratégia de participação deles com os alunos em aula, quando, em momentos pontuais das aulas, os bolsistas ou professores participavam jogando com os alunos e orientando na medida que fluía a atividade, aumentando o grau de afinidade e fazendo com que o aluno não tenha medo de pedir auxílio quando estiver com dúvida e dificuldades, diminuindo também os índices de desistência no esporte.

Na maioria das aulas buscava-se trabalhar com os alunos em dupla, um em cada lado da quadra, em alguns momentos utilizava-se a fita preta de uma cerca a outra para ampliar o espaço e utilização das duplas. As atividades incentivam o refino do gesto motor, mas sem focar diretamente em um gesto perfeito da técnica, o objetivo era que o aluno pudesse reproduzir o seu melhor, pois a evolução viria gradativamente com as aulas, nunca gerando uma pressão por desempenho. Nas aulas dos últimos meses de treino no ano de 2023, ajustou-se para incrementar a repetição do gesto técnico do saque nos minutos finais das aulas, estimulando-os a refinar o gesto básico para iniciar uma partida de tênis.

#### **4.3. Entrevista semiestruturada:**

As entrevistas contaram com a participação de três professoras, onde foram realizadas as perguntas contidas no roteiro apresentado anteriormente. Depois disso as entrevistas foram transcritas e analisadas. A seguir, irei apresentar um resumo geral dos principais resultados obtidos a partir das entrevistas:

Sobre ensinar o tênis em suas aulas de Educação Física, Iga Swiatek disse que já realizou uma vivência do esporte, Aryna Sabalenka informou que atualmente em suas aulas não ensina, mas já ensinou e a Coco Gauff afirmou também já ter ensinado, estando o tênis dentro do seu planejamento.

Em relação a estrutura da aula de tênis, Iga Swiatek informou que não sabe se a vivência que proporcionou aos alunos pode ser chamada de aula, por ter sido bem breve e simples, mas ela utilizou bolinhas de borracha, realizou a confecção de



raquetes de papelão e abaixou a rede de vôlei, para mais se aproximar da realidade do tênis.

Aryna Sabalenka utilizou também a ideia de abaixar a rede de vôlei, porém utilizando as raquetes de frescobol. Uma das atividades que ela costumava realizar era a do “jogo do quadrado” (utilizado nas aulas do projeto de tênis, instrumento desta pesquisa). O aluno jogava em dupla ou individual, onde a bola deveria dar um quique na quadra adversária, para o receptor então devolver a bola. Foram realizadas combinações entre a professora e os alunos, onde por exemplo, após jogados 5 pontos, trocava-se os alunos em quadra, a fim de diminuir o tempo de espera.

Já a Coco Gauff partia de uma aula teórica, na qual era montado com os alunos um quadro, para organizar os esportes de rede e parede, inserindo: o nome de cada esporte dentro desse tema; objetivo do jogo; a formação de jogar, em duplas, individual ou times; a pontuação; entre outros. De forma geral, ela buscava introduzir os alunos dentro do esporte, para então direcioná-los para a quadra e partir para a parte prática, quando também era utilizada a rede de vôlei abaixada para conseguir realizar o jogo de tênis. Após ajustada a rede, ela informou que costumava realizar uma breve explicação sobre o saque, empunhadura e quique da bola, porém sem aprofundar a parte técnica e na medida em que eles estivessem jogando, ela buscava realizar intervenções para fazê-los pensar no jogo em si e perceber-se dentro de quadra.

Sobre a receptividade ou resistência dos alunos ao serem submetidos a uma experiência do tênis, Iga Swiatek disse que acredita que haja um pouco de resistência sim, mas que depois eles acabam achando divertido. Em sua escola, há uma cultura muito forte do futebol, com isso, qualquer outro esporte gera uma certa resistência, mesmo que mínima. Aryna Sabalenka informou que não houve resistência, pois a turma em questão já havia tido experiências prévias com o professor anterior e na escola onde atua hoje, ela já proporcionou aos alunos uma experiência adaptada do tênis e o saldo foi bastante positivo. Coco Gauff, acredita que quando se trata dos esportes, normalmente não há resistência, ao contrário de temas como danças e ginásticas. Ela informou ter o costume de chegar na sala de aula já com as raquetes e as bolinhas, gerando uma série de perguntas dos alunos em relação ao que vai ser trabalhado na aula daquele dia.

Já em relação a priorização do gesto-técnico ou de jogos situacionais para o melhor ensino do tênis, Iga Swiatek não vê sentido em priorizar somente a técnica dentro da escola, sendo a melhor opção utilizar os jogos situacionais. Aryna Sabalenka acredita que os jogos situacionais envolvem mais os alunos, proporcionando uma maior vivência. Coco Gauff disse não dar tempo para o aprimoramento do gesto técnico pelo curto espaço de tempo nas aulas, sendo uma orientação mais direta, sem enfoque no gesto analítico dos fundamentos e técnicas em geral.

Sobre a oferta da disciplina de Tênis em sua formação, Iga Swiatek disse não ter tido, pois na época não era contemplado os esportes no currículo em que seria licenciatura plena, mas que ao final recebeu o título de licenciada somente. Ela, então, ingressou no curso de bacharelado para contemplar sua formação em bacharelado. Aryna Sabalenka informou que também não teve a disciplina, somente realizou a disciplina de esportes em geral, o tênis não era uma disciplina obrigatória, sendo somente optativa. Coco Gauff informou que na sua graduação era obrigatório somente a realização de um dos esportes de cada tema, por exemplo. Nos esportes de rede e parede, dentre todos, ela optou por realizar o vôlei. Desta forma a vivência que teve do tênis foi com o professor Balbinotti, de forma bem breve, com raquetes de papelão na disciplina de pedagogia do esporte.

Em relação às barreiras que as professoras, com seus colegas, enfrentam, Iga Swiatek disse que ainda não conversou com sua colega a respeito disso, mas disse ter ocorrido uma ação recente de *Beach Tennis*. Segundo ela, pode-se trazer mais movimentos assim, trazendo, quem sabe, o tênis para dentro da escola. Aryna Sabalenka acredita que somente o espaço físico seja uma barreira, já a Coco Gauff não vê motivos para que o tênis não seja trabalhado nas escolas, pois ele deve estar presente mesmo que de forma teórica. Segundo ela, talvez o que dificulta para alguns profissionais é ter a imagem do esporte como alto rendimento e buscar reproduzi-lo tal qual. E dentro de uma escola será quase impossível reproduzi-lo. No entanto, por meio de adaptações é possível oportunizar a experiência do tênis.

Em relação a sala de materiais disponível para realizar o seu trabalho com os alunos, Iga Swiatek revela que materiais para trabalhar o tênis, como raquete e bolinhas, não possui, mas para as demais atividades, ela possui boas opções. Aryna

Sabalenka disse não haver raquetes de tênis, mas materiais parecidos, como raquetes de badminton e de frescobol. A escola também conta com bolinhas de tênis, mas estão perdidas pela escola ou misturada com outras bolinhas. Coco Gauff, informou não ter materiais específicos de tênis, mas possui a rede de vôlei, onde costuma utilizar para adaptar a aula de tênis.

Sobre a possibilidade de ensino do tênis da escola na realidade da escola, as três professoras sinalizaram que acreditam no ensino do tênis nas escolas, que na maioria das vezes se dá de forma adaptada pela falta de materiais, mas que isso não pode ser encarado como um obstáculo.

## 5. DISCUSSÃO

As três professoras entrevistadas demonstram elementos em comum, existindo sempre uma conexão das respostas, mas com uma linha de trabalho singular de cada uma. Isso foi um fator bastante positivo.

Quando questionadas se já havia sido aplicado o tênis em suas aulas, todas responderam que sim e que utilizaram adaptações para que a aula acontecesse, independentemente de ser uma aula completa de tênis ou uma adaptada. O objetivo, segundo elas, é proporcionar uma vivência para os alunos no esporte, ou seja, o importante é que ela ocorra. Vale destacar uma das falas da Aryna Sabalenka, na qual ela diz que *"é só a gente fazer, é a gente que faz a aula da gente"*. O espaço físico muitas vezes não é o mais adequado e a falta de materiais ainda é um obstáculo sim, mas pode haver estratégias para contorná-los. Crespo (1996), afirma que a utilização de materiais alternativos adaptados torna o aprendizado mais fácil, oportunizando padrão de jogo completo. Desta forma, a adaptação pode ser uma das estratégias para poder realizar as aulas de tênis.

Outrossim, entrando mais profundamente na questão da falta de materiais e infraestrutura, uma das professoras entrevistadas comenta que: *"...cheguei em um ponto que eu estou evitando de ter que fazer adaptações pra trabalhar, eu acho que está na hora da rede entender que eles têm que dar o material para a gente trabalhar (sobre a existência de muitas bolas de basquete, mas ausência de tabelas na quadra esportiva), foi uma decisão tomada pois me tomava muito tempo criando e pensando,*

*assim como também vi que também é uma decisão da escola. Sabendo que vai investir, então se a escola não está a fim de investir em tabela de basquete, então o basquete não deve tá sendo tão importante ser trabalhado, então vou trabalhar outros esportes” (Coco Gauff).*

Esta é uma mensagem bastante importante que se deve valorizar e apoiar.

No entanto, assim como para o professor poder exercer da melhor forma possível seu trabalho, o ideal é ter uma boa estrutura e materiais, não podemos deixar de lembrar que, como relatou Ginciene, Impolcetto e Darido (2018), toda a fase de adaptação do tênis para sua inserção na escola, pode ser positiva, pois os alunos ao observarem as adaptações propostas pelo seu professor em relação ao esporte convencional, terão a consciência de que mesmo as modalidades que parecem impossíveis na realidade deles, pode ser possível através de adaptações. Temos como exemplo o ping-pong, onde utilizando a mesa da cozinha, o papel do banheiro para fazer de rede, a bolinha do desodorante rollon e a capa de um caderno velho para fazer de raquete, já torna o esporte possível dentro da realidade daquele aluno.

Não é errado realizar as adaptações com materiais alternativos e de baixo custo econômico, mas tanto os alunos quanto os professores merecem instrumentos de qualidade para tocar o seu trabalho e proporcionar experiências incríveis e mais próximas da realidade para os seus alunos.

Coco Gauff menciona que os alunos sentem a diferença da aula entre materiais reais e adaptados. Essa conclusão ela teve ao realizar uma aula de badminton, onde inicialmente ela não tinha disponível as raquetes e as petecas. Desta forma, ela realizou a aula de maneira adaptada e depois quando já estava com o material próprio do esporte, realizou uma nova aula e os alunos manifestaram essa diferença.

Em relação a receptividade dos alunos com o tênis ou modalidades fora do quarteto fantástico, percebe-se que a resistência sempre existirá para experiências novas, que fujam do cotidiano deles, mas cabe a nós professores trazermos aulas, experiências com estímulos variáveis para apresentar aos alunos, desde o chegar em sala de aula, até finalizar a aula. As três professoras entrevistadas afirmam que a resistência existe, mas não é 100% e após eles experimentarem acabam se divertindo e pedindo novas experiências, pois se o aluno não for submetido, nem ele nem o

professor saberá o que irá acontecer, isso vai ao encontro de mais uma das falas de umas das professoras de que “..acho que nem que seja assim (com maquetes) nesse formato, a gente tem como contemplar, obviamente que é importante os alunos experimentar corporalmente a prática do esporte, mas se não for viável essa parte, tem outras formas para o conteúdo ser abordado”, onde retomamos a ideia de que o tênis e demais modalidades que não são tão exploradas dentro da escola, devem estar presente no currículo, não havendo motivos para não ensiná-lo.

Sobre a presença ou não da disciplina de Tênis em sua graduação, é interessante citar um estudo realizado no estado do Paraná dos autores Gesat et al. (2020), cujo objetivo foi analisar a presença da disciplina que aborda conteúdos de tênis nos currículos dos cursos de Educação Física do estado do Paraná. Neste estudo os autores investigaram 104 cursos presenciais de Educação Física presentes em 53 instituições do estado do Paraná. Foi realizada a análise dos documentos presentes nos sites destas instituições. Ao final, Gesat et al. (2020), concluíram que a disciplina de tênis e seus conteúdos são pouco abordados no Ensino Superior. No presente estudo, a disciplina de tênis apareceu em apenas 7,7% dos cursos que forneciam informações em suas páginas, no momento do levantamento.

Cabe também ressaltar que nesta pesquisa, dos 104 cursos, 49 não possuem a disciplina de tênis, um dado de certa forma preocupante devido ao grau de importância desta disciplina para a formação do professor de educação física e do treinador esportivo, conforme Gesat et al. (2020).

O engajamento e boa vontade dos professores e professoras é o que sempre fará a diferença, em todas as disciplinas e conteúdo. As três professoras entrevistadas, demonstraram serem apaixonadas pelo seu trabalho, por isso todas elas não enxergam os obstáculos, mas sim as adaptações para buscar a solução e fazer o possível. Isso torna um professor diferente dos outros. Todas elas abaixaram a rede de vôlei, para transformá-la em uma de tênis, e demais adaptações que realizaram, mas todas elas fizeram o tênis ser possível dentro da realidade das suas escolas.

## **6. CONCLUSÃO:**

O objetivo deste trabalho foi compreender e apresentar as possibilidades para o ensino do tênis nas escolas. Verificando as dificuldades para aplicação e buscando compreender o motivo pelo qual até mesmo a versão adaptada do esporte não esteja sendo aplicado nas escolas.

Através da pesquisa na literatura, observação das aulas do “Projeto Escola de Esportes: iniciação ao Tênis”, somando-se às entrevistas realizadas com três professoras de Educação Física, verificou-se que obstáculos como a falta de materiais e infraestrutura, atrapalha a execução da aula de tênis nas escolas, mas que dentro das possibilidades os professores podem e devem buscar alternativas, como a adaptação das regras, materiais e espaço físico, através da utilização de materiais alternativos.

Outrossim, devemos lembrar que como citado ao longo do trabalho e verificado nas entrevistas realizadas, nem todos os cursos de Educação Física contemplam em seu currículo a disciplina de Tênis. No entanto, segundo Gesat et al. (2020) apud Milistetd et al. (2016) quando contempladas, podem aparecer de forma mais generalista, ou seja, ao invés de serem inseridas disciplinas sobre cada modalidade, opta-se por disciplinas que abarquem um conjunto delas. Desta forma o tênis pode aparecer como uma disciplina de enfoque exclusivamente no tênis ou como um conteúdo da disciplina esportes de rede e parede, na qual abrange modalidades como vôlei, *squash*, *badminton* entre outros.

A falta de oferta da disciplina do tênis em alguns cursos de Educação Física, como visto anteriormente, poderá fazer com que o professor que opte por ensinar o tênis em suas aulas, tenha de buscar conhecimento fora do seu horário de trabalho. Dito isso, como há pouco tempo hábil para o planejamento, pode ocorrer do professor optar por não ensinar o tênis em suas aulas, devido a indisponibilidade de tempo, ou seja, não sendo necessariamente por falta de engajamento do professor.

Por isso, não podemos definir um “culpado” para que o tênis ou a versão adaptada não esteja sendo aplicado nas escolas, pois é uma soma de fatores, que passa desde a falta de investimento das escolas na Educação Física até as questões que cercam o professor, descritas no decorrer deste trabalho.

No entanto, podemos afirmar que o tênis ou versão adaptada é possível de ser aplicado nas aulas de Educação Física das escolas brasileiras, porém na maioria

das vezes caberá ao professor realizar as adaptações para que a prática possa ser realizada.

## 7. REFERÊNCIAS

Vídeo aulas do professor Rodrigo, mestrando do Prof. Balbinotti, na disciplina de tênis.

CORTELA, C. C.; FUENTES, J. P.; ABURACHID, L. M. C.; KIST, C.; CORTELA, D. N. R. Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa play and stay à luz da pedagogia do esporte. **Conexões**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 214–234, 2012.

CRESPO, M. Mini-tenis un medio para el aprendizaje del tenis. **Apunts**, v.44, n.45, p.42-50, 1996. FONTOURA. F., **Tênis Para Todos**. Canoas/RS: ULBRA, 2003.

DE JESUS SOARES, S. PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ABORDAGEM SOBRE O MÉTODO QUALITATIVO. **Revista Ciranda**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–13, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FONTOURA, F. **Tênis para todos**. 1. ed. [S.l.]: ULBRA, 2003.

GESAT, R. A.; CORTELA, C. C.; BALBINOTTI, C. A. A.; GINCIENE, G. Retrato das disciplinas de tênis dos cursos de graduação em Educação Física do estado do Paraná. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 2, p. 11–17, 2020.

GINCIENE, G.; LANG, A. M. R.; GALATTI, L. R.; GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C. Ensino do tênis e a prática pedagógica dos professores. **Pensar a Prática, Goiânia, v. 22, 2019.**

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/45362>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola. **Conexões**, Campinas, SP, v. 15, n. 4, p. 505–521, 2018.

GONÇALVES, G. H. T., ASSMANN, A. B., GINCIENE, G., BALBINOTTI, C. A. A. y Mazo, J. Z.(2018). Uma história do tênis no Brasil: apontamentos sobre os clubes esportivos e seus métodos de ensino. **Educación Física y Ciencia**, 20(3), e057.

MILISTETD, M.; CIAMPOLINI, V.; SALLES, W. N.; RAMOS, V; GALATTI, L. R.; NASCIMENTO, J. V. A. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programs. *Sports Coaching Review*, London, v. 1, p. 1-16, 2016.

MOREIRA, J.; SILVEIRA, LARISSA GERMANO LIMA.; COSTA, TALITA SOUZA DA. Publicações nacionais sobre o tênis nas aulas de Educação Física. **Dspace repository**, Serra, ES, 2020.

SILVA, C.G. da; MOURA, C.M.; GOMES, M.S.M.; CARVALHO, M.B. de; COSTA, R.R.; Pedagogia de projetos aplicado na iniciação esportiva do minitênis utilizando materiais alternativos na escola. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.16, n.02, p.129-136, 2017. ISSN; 1981-4313.

SOUZA, SILVIO PINHEIRO DE.; JUNIOR, JOAQUIM MARTINS. O tênis nas escolas: Diagnóstico da necessidade e perspectivas para sua implementação. **VI EPCC**, Maringá, Paraná. CESUMAR, 2009.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DO TÊNIS NAS ESCOLAS  
**Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 15, n. 4, p. 505-521, out./dez. 2017.**  
**ISSN: 1980-9030**



**TÊNIS NAS ESCOLAS - Coleção Pesquisa em Educação Física - vol.16, n.2, 2017**  
**- ISSN: 1981-4313**

## APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS

1- Você ensina tênis ou algum esporte de rede/parede nas aulas de Educação Física escolar? Se sim:

- Poderia nos contar em específico como é a estrutura básica da sua aula de tênis?
- Como é a recepção dos seus alunos quando submetidos a esta experiência de aprendizagem do tênis? Você acredita que os seus alunos possuem uma certa resistência ou desinteresse quando se trata de sair do famoso quarteto fantástico (futebol, vôlei, basquete e handebol)?
- Em sua opinião, o ideal seria priorizar a repetição do gesto técnico a fim de melhorar exclusivamente a técnica ou para a melhor aprendizagem dos alunos, o ideal seria a utilização de jogos situacionais, para ensinar o esporte tênis como um todo?

Caso você não tenha o costume de ensinar o tênis em suas aulas, poderia nos informar quais dificuldades você enxerga para que ele não seja ensinado e o porquê?

**Iga Swiatek, resposta nº1.1:** “Sim, foi uma vivência de tênis, onde baixamos a rede de vôlei fizemos as raquetinhas com papelão para usar com a mão. Comprei umas bolinhas de borracha e aí a gente fez uma vivência, não sei se dá para considerar uma aula de tênis, mas para a experiência foi importante.”

**Iga Swiatek, resposta nº1.2:** “Acho que eles tem um pouco dessa resistência, mas a maioria acha divertido, acha legal, e ai vai um tempinho até eles entenderem a dinâmica do jogo, que tem aquele quique da bola, então é um outro tempo de jogada né, de se movimentar naquele espaço e o que de cara eles querem já rebater direto, como no vôlei, aí aos pouco tu vai explicando como funciona, que tem que esperar o quique da bolinha e é muito rápido que eles já pegam essa manhã ali do tempo da bola, aí vai tranquilo assim. De certa forma tem uma certa resistência, ali na escola tem uma cultura muito forte do futebol então qualquer coisa diferente do futebol vai ter uma certa resistência.”

**Iga Swiatek, resposta nº1.3** “Dentro da minha realidade que provavelmente não vou ter nenhuma pessoa da escola se dedicando para isso, especificamente de tênis, eu acho que não faz sentido focar exclusivamente na técnica”

**Aryna Sabalenka, resposta nº1.1:** “Atualmente não, mas já ensinei sim. A gente fazia na quadra de vôlei, a gente baixava a rede e fazia adaptada com raquete de frescobol, então a gente fazia um par ou ímpar para definir quem saía com a bola, e a gente fazia partidas de quem fizesse 5 pontos primeiro, pra revezar com os outros e não ficar muito tempo, fazia individual ou dupla. O ponto era assim, eles davam o saque tinha que quicar na outra quadra uma vez, só uma vez e dava pra devolver, a gente fazia sempre assim, quicava uma vez e devolvia, quicou duas já dava o ponto para o outro, eram as combinações, a gente sempre montava as combinações, tinha vezes que a gente fazia assim, que não podia quicar, aí é mais difícil, ou então quando era bem iniciação a gente começou fazendo dois quiques e devolvia, podia dar até dois quique e depois devolvia, aí depois a gente foi cortando, então depende do grau de dificuldade, mas era na quadra de vôlei. Essa turma tinha em média 25, 22 alunos, do sexto ao nono ano.

Os alunos que não participavam no momento, uns ficavam treinando com as outras raquetes na parede ou ficavam jogando frescobol. Eu fazia um circuito, para não ficar muita turma, aí eles ficavam fazendo arremesso de basquete e depois eu fazia o rodízio com a turma, mas eles gostavam desse jogo”

**Aryna Sabalenka, resposta nº1.2:** “Não, esse grupo específico, eles já vinham com uma bagagem de um outro professor das séries iniciais que a outra escola dava para eles, então eles já estavam com esse gosto do tênis, mas aqueles que entravam na escola, eles começavam a gostar, porque era bem disputado, a gente fazia torneio, tinha mais torneio de tênis do que de vôlei, eles gostavam bastante.

Na minha escola atual eu peguei um espaço aqui no final, estava as três turmas juntas e pensei vamos pegar as raquetes, fazer um circuito adaptado, risquei no chão, fiz a marcação e fiz a jogadinha, só um toquezinho no chão, gostaram e no outro dia pediram e no outro dia pediram de novo, então eles gostaram da atividade. Tenho certeza que se investir e colocar rede, eles vão gostar” (Ela utilizou a estratégia

do jogo do quadradinho, utilizada nas aulas do projeto escola de esportes: iniciação ao tênis)”

**Aryna Sabalenka, resposta nº1.3:** “Eu acho que tem que ensinar a fazer os jogos como um todo, jogos situacionais, envolve mais os alunos, traz uma maior vivência do que a priorização do gesto técnico onde é um aluno por vez”

**Coco Gauff, resposta nº1.1:** “Sim, já trabalhei, depende da organização do cronograma, enfim, das aulas, mas costuma estar no meu planejamento.

A estrutura da aula pensando especificamente em abordar o tênis, esse ano fiz um quadro com eles para organizar os esportes de rede, colocando o nome do esporte, quantos jogadores, se é em dupla ou individual, se pode ser em dupla e individual, se é em time, enfim.., qual é o objeto utilizado para jogar, se pode quicar no chão ou não, se sim, quantas vezes, quantos toques pode dar por jogada e como funciona a pontuação. Então essa parte eu fiz um resumo lá no início e depois eu do uma retomada quando vou iniciar, quando eu vou retomar o tênis, eu peço para eles reverem o quadro, em sala de aula e depois a gente se direciona para quadra, aí eu explico que temos que montar a rede para baixo, dou uma explicação geral com toda a turma junto, e como já vimos o badminton, o pingue pongue, eu acabo voltando para esses exemplos, relembro como é o saque, falou sobre a empunhadura, sem dar muito detalhe em relação à técnica e dando mais enfoque nas regras, combinamos a delimitação da quadra, combinação de pontos e troca de quadra, organizamos a primeira dupla em quadra e o resto vai para fora. Depois ao longo da partida, vou dando alguns feedback como “tu tá vendo que a bolinha ta quicando lá quase fora da quadra e se tu ficar esperando muito pra frente, tu não vai conseguir rebater”, fazendo com que eles possam perceber esses detalhes, realizando um diálogo mais coletivo no decorrer do jogo das duplas.”

**Coco Gauff, resposta nº1.2 e nº 1.3:** “Quando é esporte normalmente eles não têm muita resistência de trabalhar, mas quando é dança, lutas, coisas assim, eles têm um pouquinho mais de resistência. Então eles estavam bem interessados, eu já cheguei com as raquetes penduradas, não cheguei bem dizendo o que era, costume deixar eles perguntarem o que é isso, vocês sabem quais esportes, o que a gente está

trabalhando? ah esporte de rede, pois então, qual esporte de rede usa esse material (raquete, peteca)? Badminton e como joga? Então vão surgindo perguntas.

Assim vou trabalhando um pouco na prática teórica e um pouco na parte prática. O objetivo principal é eles entenderem a lógica, a pontuação, como colocar a bola em jogo, etc.

Depois de ensinar o Badminton, então foi o tênis. Não dei tempo para aprimorar a técnica pelo curto espaço de tempo, prefiro que eles experimentem com o material real do que o adaptado, mesmo que muitas vezes seja necessário adaptar, pois eles sentiram bastante diferença quando trabalhamos o badminton com a raquete de madeira e depois quando trabalhamos com a raquete real do badminton. Orientação mais direta, sem o enfoque analítico dos fundamentos e técnica em geral.

Importante dizer que eu não domino a técnica do tênis e nem o badminton, eu vou a cada ano aprendendo mais enquanto eu vou trabalhando com os alunos, mas ali acabo sempre fazendo adaptações que eles consigam praticar, a nível de vivência mesmo.

Percebemos que os alunos têm essa gana pelo futsal. Todo o aluno tem resistência, mesmo com o conteúdo que eles gostam, até o futsal. Se eu for trabalhar o futsal, as regras, for parar o jogo, eles ficam loucos da vida, pois estão acomodados em só jogar, o aprendizado em si eles têm dificuldade de entender que a educação física também é um momento de aprender dentro do espaço, escola.

O badminton eles amaram, mas tento mostrar todos os esportes de rede. Vivência de todos os esportes, sem aprofundar em um. Cheguei em um ponto que eu to evitando de ter que fazer adaptações pra trabalhar, eu acho que está na hora da rede entender que eles têm que dar o material para a gente trabalhar. Sobre a existência de muitas bolas de basquete, mas ausência de tabelas na quadra esportiva, foi uma decisão tomada pois me tomava muito tempo criando e pensando, assim como também vi que também é uma decisão da escola, sabendo que vai investir, então se a escola não está a fim de investir em tabela de basquete, então o basquete não deve tá sendo tão importante ser trabalhado, então vou trabalhar outros esportes. A resistência varia, de aluno para aluno.”

2- Você teve o conteúdo de tênis durante sua formação inicial em Educação Física? Se sim, como eram as aulas? Eram 50% prática e 50% teórica? Foi uma cadeira na

qual você adquiriu muitos conhecimentos para utilizar hoje em suas aulas (caso você esteja ensinando o tênis atualmente em suas aulas)?

**Iga Swiatek, resposta nº2:** “Não tive, porque na época eu não tinha os esportes na formação, a gente achou que estava se formando em licenciatura plena, mas a gente se formou e foi fazer o CREF e saiu só como licencial, aí eu em 2016 entrei para o Bacharelado, pelo ingresso extra-vestibular, no bacharel eu já tinha completado os esportes obrigatórios e aí eu fui deixando.”

**Aryna Sabalenka, resposta nº2:** “Não tive, somente de esportes em geral, era diferente, na época não era optante, não tinha tênis, busquei o conhecimento através de outras fontes”

**Coco Gauff, resposta nº2:** “Nisso, tenho um pouco de culpa no cartório, pois se não me engano na minha graduação teve mudança de currículo e a gente tinha os esportes como optativas, tu tinha que fazer os esporte de invasão, mas tu podia escolher só um para fazer, não precisava todos, nos esportes de rede e parede, eu fiz vôlei e não fiz tênis.

Não sei por que, talvez pela logística de horários, eu nunca fui muito dos esportes competitivos, então eu sempre joguei mais para me divertir com a família em casa. Desta forma, tenho um certo rol de experiência corporal mas mais a nível de lazer.

Na faculdade tinha essa ideia dos esportes ser nessa lógica de competição, o handebol e futsal foi mais voltado para a escola, o vôlei já foi um pouco além, muita função de sistema tático e acabei não fazendo o tênis.”

Eu tive uma vivência de tênis com o Balbinotti, na disciplina de pedagogia do esporte, acho que foi a atividade com as raquetes de papelão, mas foi muito breve.”

3- Quais barreiras você e seus colegas de trabalho identificam para que o tênis não seja ensinado nas escolas?

**Iga Swiatek, resposta nº3:** “Eu não conversei com a minha colega atual a respeito disso, sobre o que ta no circuito dela, nos conteúdos que ela administra, mas a gente teve uma ação aqui no meu local, bem recente assim, “Beach Tênis” que está bem

difundido eu acho que tende a gente acaba tendo algumas vivências em razão disso, que eu acho que tem haver com o vôlei e com o tênis de certa forma.”

**Aryna Sabalenka, resposta nº3:** “Acho que o espaço físico é o único, porque é só a gente fazer, é a gente que faz a aula da gente né, a gente faz a cabeça dos alunos, eu influenciou bastante eles de fazer.”

**Coco Gauff, resposta nº3:** “No meu caso, eu não vejo um motivo, justificativa para não trabalhar com o tênis, nem que fosse de forma teórica deveria estar presente nas escolas, no meu entendimento, tendo em mente que o objetivo de trabalhar conteúdo dentro da escola é para que os alunos conheçam, vivenciem, experimentem, se desafiei naquilo ali, se faz as adaptações necessárias, viáveis e proporciona isso para os alunos.

O que dificulta, acho que quando a pessoa tem em mente que ela precisa trabalhar o esporte tal qual o esporte de alto rendimento, o esporte oficial, ela não vai conseguir pois não terá o espaço adequado, não terá os materiais corretos e nem o tempo necessário para trabalhar com os alunos, pois se for colocar cada aluno para jogar um contra o outro, em uma quadra de tamanho real do tênis, quantas escolas, hectares iria precisar para colocar 35 alunos de uma turma, por exemplo, para jogar um tempo.

Então acho que o problema é a visão que a pessoa tem sobre a função do conteúdo e aí obviamente como esse conteúdo tem que estar dentro da aula de Ed.Física. Entendo também que apesar de não ter coisas que impedem totalmente de se trabalhar o conteúdo, tem muitas coisas que dificultam bastante, então antes quando eu não tinha quadra fechada, eu tinha duas bolinhas de tênis, toda vez que os alunos jogavam ela passava pela tela e ia embora, então gastávamos muito tempo para ir atrás da bolinha. No entanto, ao mesmo tempo, a gente também teve alunos que começaram a gravar, devido a demora em chegar a vez, como se fossem comentarista, narrador e acabaram entrando na lógica de acompanhar o esporte mesmo que não tivessem praticando, então também acho que o período que fiquei sem quadra nenhuma, foi um período bem difícil de trabalhar o s conteúdos que além de eu não ter quadra, teve uma reforma na escola em que o corredorzinho que eu costumava usar, de mais ou

menos 3m, eu colocava um arame de estender roupa no corredor (pois não tinha nem rede) e às vezes a gente não conseguia entender se a bolinha passou por cima ou por baixo.

No entanto, mesmo sem a quadra e com o corredor em reforma, a gente trabalhou o tênis de mesa, o que vai ajudar os alunos a entenderem a lógica do jogo.

- Trabalho de maquete para trabalhar os esportes, a fim de avaliar mas também do aluno aprender sobre o esporte.

- Acho que nem que seja assim (com maquetes) nesse formato, a gente tem como contemplar, obviamente que é importante os alunos experimentar corporalmente a prática do esporte, mas se não for viável essa parte, tem outras formas para o conteúdo ser abordado.”

4- Em relação a sala de materiais de Educação Física, ela possui material para as aulas de Educação Física de modo geral? Agora, tratando-se especificamente de raquetes e bolinhas de tênis, a sua escola possui materiais desse tipo??

**Iga Swiatek, resposta nº4:** “Não, materiais para aplicar o tênis não tem lá, demais materiais possui boas opções”

**Aryna Sabalenka, resposta nº4:** “Não a raquete de tênis, mas primos, parentes, vamos dizer assim, eles tem as raquetes de badminton, de frescobol, tem bolinhas de tênis, mas acho que elas se perderam ou estão misturadinhas, mas acho que tem material, mas a raquete de tênis específica não.”

**Coco Gauff, resposta nº4:** Já respondida na resposta da primeira pergunta.

5- Você enxerga possibilidades do ensino do tênis na realidade da escola em que você dá aula?

**Iga Swiatek, resposta nº5:** erro técnico na transcrição



**Aryna Sabalenka, resposta nº5: “Sim.”**

**Coco Gauff, resposta nº5:** “Sim, enxergo sim. Nesse formato, como eu disse, em aula, ao trabalhar os esportes de rede, vejo que com mais tempo e materiais e espaço, poderíamos alargar o tempo de vivência desse esporte.”

**ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

<b>Roteiro de entrevista (PROFESSORA)</b>
<p><b>1- Você ensina tênis ou algum esporte de rede/parede nas aulas de Educação Física escolar? Se sim:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Poderia nos contar em específico como é a estrutura básica da sua aula de tênis?</li><li>- Como é a recepção dos seus alunos quando submetidos a esta experiência de aprendizagem do tênis? Você acredita que os seus alunos possuem uma certa resistência ou desinteresse quando se trata de sair do famoso quarteto fantástico (futebol,vôlei, basquete e handebol)?</li></ul>
<p>- Em sua opinião, o ideal seria priorizar a repetição do gesto técnico a fim de melhorar exclusivamente a técnica ou para a melhor aprendizagem dos alunos, o ideal seria a utilização de jogos situacionais, para ensinar o esporte tênis como um todo?</p> <p>Caso você não tenha o costume de ensinar o tênis em suas aulas, poderia nos informar quais dificuldades você enxerga para que ele não seja ensinado e o por quê?</p>
<p><b>2- Você teve o conteúdo de tênis durante sua formação inicial em Educação Física? Se sim, como eram as aulas? Eram 50% prática e 50% teórica? Foi uma cadeira na qual você adquiriu muitos conhecimentos para utilizar hoje em suas aulas (caso você esteja ensinando o tênis atualmente em suas aulas)?</b></p>
<p><b>3- Quais barreiras você e seus colegas de trabalho identificam para que o tênis não seja ensinado nas escolas?</b></p>
<p><b>4- Em relação a sala de materiais de Educação Física, ela possui material para as aulas de Educação Física de modo geral? Agora, tratando-se especificamente de raquetes e bolinhas de tênis, a sua escola possui materiais desse tipo??</b></p>

**5- Você enxerga possibilidades do ensino do tênis na realidade da escola em que você dá aula?**

